

# Padre, biopiratas variados e um duque inglês salvaram o Milu

Categories : [Olhar Naturalista](#)

O Milu (*Elaphurus davidianus*) é o único representante vivo do seu gênero, um grupo de cervos amantes dos pântanos originalmente encontrados no que é hoje o leste [da China, Manchúria e sul do Japão](#).

Alterações ambientais na transição Pleistoceno-Holoceno e a expansão das populações humanas que converteram a maior parte das áreas inundáveis em plantações ([os arrozais da China datam de pelo menos 8.300 anos atrás](#)) e sua fauna em itens da variada culinária chinesa.

O último ato de um longo declínio aconteceu quando o último Milu selvagem foi morto no litoral do Mar Amarelo em 1939. Felizmente, os imperadores chineses gostavam de ter parques murados onde bichos ornamentais passeavam e podiam ser ocasionalmente caçados e no século XI a dinastia Yuan estabeleceu um parque imperial em Nanyuang, uma área brejosa de 200 km² ao sul de Beijing (Pequim). Esta foi murada e protegida do mundo exterior. Foi ali que uma manada de Milus sobreviveu em semi-cativeiro.

Em 1864 o missionário lazarista e grande naturalista [Père Armand David](#) "descobriu" os Milus em Nanyuan, segundo consta, pulando o muro. Um entusiasta da natureza (foi o descobridor do panda-gigante, entre outros bichos), Armand rapidamente percebeu que estava diante de um animal desconhecido e convenceu (alguns dizem subornou) os guardas imperiais para obter as peles e esqueletos de um casal adulto e um macho jovem. Este ato de espionagem científica por parte de uma potência colonial contra um poder submergente rendeu a Armand a homenagem de ter seu nome associado ao do Milu, também conhecido como Cervo do Padre David.

Mais convencimentos permitiram que mais Milus, desta vez vivos, fossem exportados para coleções e zoológicos na França, Reino Unido e Alemanha. No Brasil de hoje isso seria chamado de biopirataria.

O que foi uma boa coisa porque, em 1894-95, uma inundação destruiu o muro do parque e os cervos, fugindo das águas, acabaram na barriga do campesinato. Apenas 20 ou 30 sobreviveram.

O golpe final veio durante a [Rebelião Boxer](#) em 1900, quando tropas ocuparam o parque e comeram os últimos Milu. Parece que sobrou um ou outro, e algumas versões da história dizem

que [o último Milu na China morreu em 1922](#).

[Clique para ampliar](#).

O fim do Milu não passou despercebido e [Herbrand Russell, 11º Duque de Bedford](#), conseguiu reunir os últimos 18 exemplares vivos (apenas 11 se mostraram férteis) para formar um núcleo de reprodução em sua propriedade em [Woburn Abbey](#).

Note que estamos falando de um indivíduo, e não de governos, tomando a iniciativa de salvar uma espécie.

Contra as expectativas, as agruras de duas guerras mundiais e o que entendidos modernos diriam sobre diversidade genética e populações mínimas viáveis, a manada cresceu e indivíduos foram enviados a outras coleções. Na verdade, os Milu ou *Père David's Deer*, como os chamam no Reino Unido, são hoje criados em fazendas para produzir *venison* (como os bichos de minha foto).

Foi apenas em 1985 que os primeiros Milus foram enviados de volta à China para estabelecer populações semi-cativas, a primeira em Nanyuang. Outros núcleos foram estabelecidos e hoje há 53 manadas de Milu na China, onde a taxa de crescimento populacional é de 15 a 20% ao ano (Milus não estudaram genética e não devem saber o que é [depressão endogâmica](#)).

A história do Milu mostra que o estabelecimento de populações cativas pode salvar espécies da extinção. E como a "biopirataria" (pelo menos como definida por aqui) em países que não dão a mínima para a conservação devido à sua situação política, social e econômica pode ser uma boa coisa para os bichos e plantas em questão.

Há inúmeros casos onde a coleta de animais e plantas para o cativeiro ajudou a dizimar populações e levou espécies à extinção na natureza, como aconteceu com a [famosa ararinha-azul](#), embora a hidrelétrica de Sobradinho tenha muita culpa nessa história ou quase (veja [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)).

Mas quando a situação é desesperada, como em países onde o negócio é o tal "progresso" no estilo anos 70, o biopirata de hoje pode ser o herói de amanhã, salvando algo que não pode ser substituído. Seja um Milu ou um fungo de solo que produz um fármaco que salva vidas.

No Brasil, o curioso é que espécies locais não valem o suficiente para que um órgão licenciador negue a conversão das poucas áreas onde vivem em condomínios ou hidrelétricas superfaturadas. Por outro lado, provocam um circo envolvendo a Polícia Federal, IBAMA e palhaços nacionalistas caso alguém seja pego contrabandeado peixinhos, aranhas, serpentes, fungos, solo, etc. para o exterior.

Lamento que bichos como o [mutum-de-alagoas](#), extinto na natureza graças ao Proálcool e à

cultura local de matar o que se move, não tenham sido contrabandeados para fora do país e populações cativas estabelecidas lá fora. Teríamos mais com que recuperar a espécie que [os três indivíduos salvos por um empresário do Rio de Janeiro](#). O governo, como de praxe, ficou olhando a espécie desaparecer.

Muito coerente este nosso Brasil, que gosta de apontar o dedo para "ameaças" vindas do exterior que cobijam nossa biodiversidade, mas onde governos "de vanguarda" demonstram absoluta e completa falta de vergonha ao [deixarem nossas áreas protegidas na penúria](#) enquanto gastam os tubos em agências de publicidade, estádios de futebol. O futuro julgará quem são os vilões da história.

**Leia também**

[Quando leões búlgaros, siberianos e mexicanos caminhavam pela Terra](#)

[Baratas igualitárias, cupins eussociais e filósofos marxistas](#)

[Parasitas procuram gato ou humano para chamar de seu](#)